



Das tonalidades às funções narrativas: sobre o uso das cores em Hereditário¹

Thiago da Silva Rabelo²
Universidade Federal de Goiás

Resumo: O trabalho compreende a análise do filme Hereditário (2018) a partir do uso que a obra faz das cores. O objetivo é investigar como elementos específicos de sua mise-èn-scene contribuem para a forma geral do projeto, sobretudo no que diz respeito a aspectos narrativos. Desse modo, adotamos como método a análise fílmica e obtivemos como resultado parcial a associação entre a cor vermelha e os figurinos utilizados pelos integrantes do culto satânico de Paimon, elemento central do longa- metragem.

Palavras-chave: Análise. Hereditário. Cores. Forma.

Resumo expandido

Lançado no Brasil em junho de 2018, Hereditário tem início com o velório de Ellen, matriarca da família responsável por protagonizar o filme. Após o enterro, Annie (filha de Ellen) e Steve, ao lado de seus filhos, Peter e Charlie, passam a ser perseguidos por forças sobrenaturais que, a princípio, não compreendem. Aos poucos, segredos do passado começam a ser revelados, a partir dos quais outras mortes – além de violentos rituais satânicos - se misturam ao cotidiano dos personagens.

À primeira vista, uma descrição da premissa que move Hereditário pode não justificar uma análise mais aprofundada do filme. Trata-se, afinal, de uma quantidade razoável de clichês do gênero de terror no cinema (a morte como estopim da maldição; os rituais não compreendidos de início; segredos importantes revelados à medida que o filme avança). No entanto, podemos dizer que a obra dirigida por Ari Aster inquieta não por aquilo que conta, mas pela maneira através da qual faz isso.

Nesse sentido, o trabalho do diretor em Hereditário nos intriga, sobretudo, por dois motivos. O primeiro deles diz respeito à forma com que o cineasta se utiliza de elementos específicos da mise-èn-scene para criar (e manter) a atmosfera de tensão que preenche

¹ Trabalho apresentado à VII Semana do Cinema e Audiovisual da UEG. Goiânia, UEG- Campus Laranjeiras, 2018.

² Mestrando do programa de pós-graduação em Comunicação da FIC – PPGCOM, Universidade Federal de Goiás. E-mail: thirabeloo@gmail.com



todo o projeto. Já o segundo, ainda mais pertinente para o nosso estudo, trata de como ele dota estes mesmos elementos de funções específicas para a narrativa.

Com base nas indicações de Bordwell (2008), é no intuito de compreender o sentido das composições de Aster enquanto detentoras de funções narrativas que buscamos analisar, como parte de uma pesquisa mais ampla, o uso das cores em Hereditário. A ideia é observá-las: 1) enquanto elementos formais capazes de estimular experiências puramente estéticas; e 2) enquanto instância narrativa fundamental para que o filme obtenha unidade.

Segundo Aumont (2004, p. 224), é possível, em relação ao uso da cor no cinema, “utilizar seu valor simbólico e cultural, conferir-lhe, além disso, um valor 'de idioleto', próprio à obra, e criar um sistema desses dois tipos de valores”. Numa semelhante linha de raciocínio, Bordwell, Thompson e Smith (2017) indicam que as cores no cinema podem se tornar motivos, ou seja, elementos que, recorrentes, ajudam no processo de comunicação estabelecido pelo(a) diretor(a).

Como método, optamos por decompor o longa-metragem no sentido de investigar possíveis repetições ou variações cromáticas de maior destaque. Segundo Bordwell, Thompson e Smith (2017), variações e repetições são elementos sempre próximos uns dos outros. Portanto, é a partir de uma análise fílmica que leve ambos em consideração que o(a) pesquisador se torna capaz de apontar padrões e discrepâncias importantes para o entendimento de um fenômeno cinematográfico específico. Em seguida, realizamos uma comparação entre a coleta feita e a narrativa proposta pelo filme, na busca por conexões sólidas entre forma e conteúdo, ou seja, por funções narrativas executadas pelas cores em Hereditário.

De posse de resultados parciais da análise, notamos a presença recorrente da cor vermelha nos figurinos de personagens diretamente ligados ao culto satânico que aterroriza os protagonistas. Seja em fotografias reunidas no álbum de Ellen, nas gravatas utilizadas por alguns participantes da seita ou nas blusas com as quais Joan é vista sempre que se aproxima de Annie ou Peter, a cor, a partir das escolhas de Aster e de sua equipe, é associada à maldição que move a narrativa de Hereditário. Repetições (ou motivos) como essas ficam mais evidentes por conta de variações relacionadas ao figurino de Annie, Peter, Charlie e Steve, que, enquanto corpos cobertos por vestimentas, jamais encontram



VII SAU - SEMANA DE CINEMA E AUDIOVISUAL DA UEG

Luz, câmera, ação:
Os bastidores do fazer cinematográfico

v.5 n.1(2018): Anais da VII SAU UEG

na tonalidade a mesma ênfase visual. Em relação a isso, a obra parece sugerir que apenas aqueles que têm ciência do iminente retorno de Paimon podem ser vistos com roupas nas quais encontra-se a tonalidade responsável por representar o demônio.

O filme, no entanto, vai além e faz com que o vermelho também marque presença nos ambientes em que Peter e Annie, personagens profundamente afetados pelo ciclo de violência estabelecido, são cercados ou atacados (a sala de aula; o sótão). Por fim, notamos que os créditos finais de Hereditário, também a partir do uso da cor vermelha, estabelecem a relação de sucessão geracional proposta pelo título, numa confirmação visual ligada ao caminho que escolhemos para a pesquisa e que funciona como síntese minimalista para a trama proposta.

Referências Bibliográficas

AUMONT, Jacques. **O olho interminável [cinema e pintura]**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

BORDWELL, David. **Figuras traçadas na luz**. São Paulo: Papirus Editora, 2008.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin; SMITH, Jeff. **Film art: an introduction**. Wisconsin, Estados Unidos. Editora: University of Wisconsin, 2017.